



GT 34. Ensinar e Aprender Antropologia

Coordenador(es):

Rodrigo Pereira da Rocha Rosistolato (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Guillermo Vega Sanabria (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1 - Ensinar e aprender antropologia e a educação básica

Debatedor/a: Ana Pires do Prado (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2 - Ensinar e aprender antropologia em diversos contextos de formação profissional

Debatedor/a: Amurabi Pereira de Oliveira (UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina)

Sessão 3 - Ensinar e aprender antropologia nas ciências sociais

Debatedor/a: Grazielle Ramos Schweig (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

É notável a expansão que nos últimos anos a Antropologia no Brasil alcançou junto às mais diversas formações universitárias e não universitárias, e o incremento na formação de antropólogos em nível de pós-graduação e de graduação. Porém, ainda é necessário um debate profundo em torno das particularidades do ensino e do aprendizado de ser antropólogo. O processo formativo em antropologia passa por uma reflexão sobre a relação entre ensino e aprendizagem, mas também por uma análise sobre questões centrais na definição da própria disciplina, como a relação entre teoria e métodos. Tais discussões são fundamentais para compreendermos os rumos da Antropologia como ciência. O presente Grupo de Trabalho visa analisar estas questões, com foco na formação de antropólogos e de “não antropólogos”, discutindo as diversas inserções da antropologia em espaços formativos. Buscamos refletir em torno do lugar do ensino e da aprendizagem da antropologia, bem como dos desafios postos para sua realização. Também nos interessa o aprofundamento nos fundamentos históricos, epistemológicos, teóricos e pedagógicos do ensino e da aprendizagem de antropologia, para que possamos propor desenvolvimentos didáticos para a formação de antropólogos (em nível de graduação e pós-graduação), assim como de cientistas sociais, profissionais da saúde, professores e outros profissionais que se beneficiam do conhecimento antropológico. Igual atenção merece o ensino e a aprendizagem da disciplina na educação básica.

Aspectos antropológicos da formação de não antropólogos na educação básica

Autoria: Michely Alvarenga de Amorim (UNB - Universidade de Brasília)

Introdução: No campo das Ciências Sociais, a Antropologia foi por muito tempo conceitualizada como a disciplina que estuda sociedades tradicionais enquanto a Sociologia como a responsável pela compreensão das sociedades complexas. Atualmente, no contexto da educação básica, as definições dessas disciplinas não foram revistas. Mas para além dos conceitos restritos, principalmente para formação de não-antropólogos, a Antropologia, com suas raízes no período de exploração do sul-global, é essencial para o entendimento da dominação e da subalternidade entre povos e culturas. Desenvolvimento: A Antropologia na educação básica é fundamental, não somente porque abrange todas as ciências humanas, mas porque desconstrói anos de estudo. As explicações geográficas, históricas e até mesmo biológicas do mundo que hoje se conhece, quando compreendidas enquanto subordinadas à partir de definições pré estabelecidas por dominantes, gera um processo de reformulação. Tendo concebido que todos os conhecimentos e padrões ensinados e apreendidos são moldados a fim de perpetuar os meios de dominação, os estudantes se engajam num processo de reconstruir essas disciplinas, ideias e conhecimentos, partindo da alteridade. Os campos da Antropologia e da educação estabelecem uma relação conflituosa, uma vez que antropológicamente entende-



se que cada sociedade e grupos determinados possuem ambições, modos de ensinar e aprender específicos, enquanto a instituição escolar, abrangendo diversas culturas, aplica a todos uma única forma de ensino e aprendizado, dos mesmos conteúdos, com os mesmos objetivos. Contudo, num mundo cada vez mais globalizado, com salas de aula, inter raciais, multiculturais, é possível abranger os anseios de todos inseridos? É viável desenvolver métodos educativos que não direcionem para o mercado de work, mesmo estando dentro de uma sociedade extremamente capitalista? Conclusão: O legado antropológico da etnografia é uma ferramenta possível para estabelecer um equilíbrio. Apesar da proposta homogenizadora da instituição de ensino, os estudantes teriam a oportunidade de desenvolver pesquisas em campo sobre comunidades alheias. O estranhamento poderia ocorrer no bairro vizinho, ou até mesmo em outra cidade, de modo a compreender as dinâmicas de vida dessemelhantes, construindo, na prática os sentidos do estranhamento e da alteridade para com o distinto. Outra forma de considerar possibilidades de ensino, que não priorizem currículos e provas, seria a realização do campo em "escolas informais", assentamentos, educação domiciliar, comunidades indígenas e quilombolas, escolas não institucionais construídas por comunidades próprias, que levam em conta o ensino direcionado às questões políticas e sócio-históricas que representam.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: